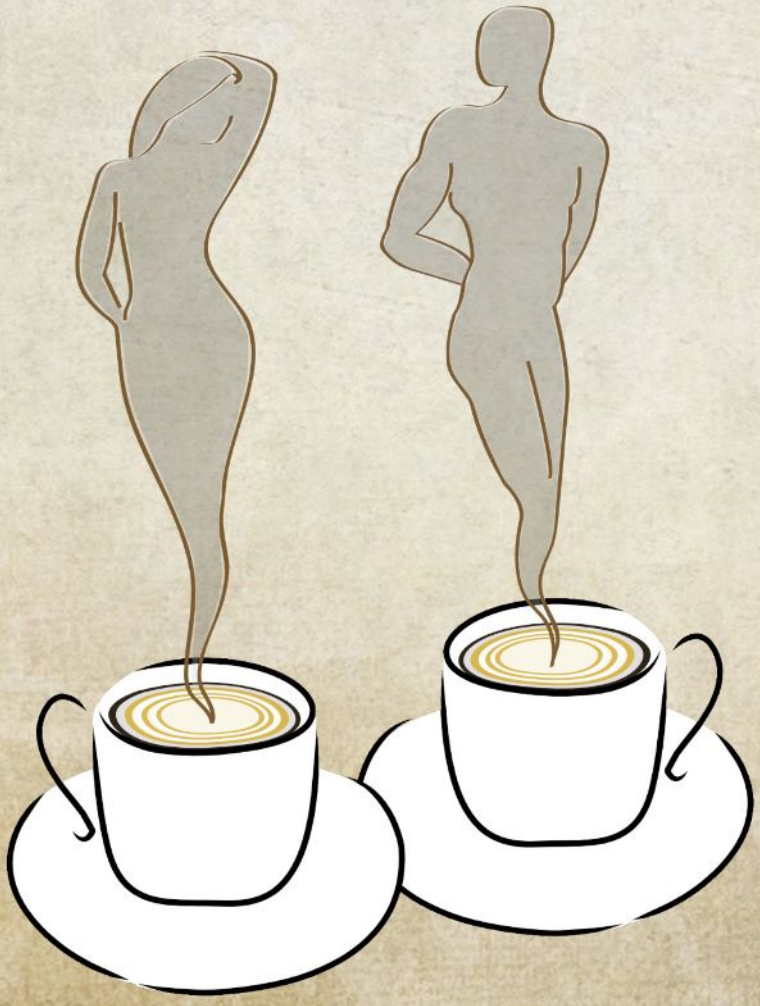
La Comédiathèque

Preliminares

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Preliminares

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um homem e uma mulher cruzam-se todos os dias num café. Sentados sozinhos, cada um à sua mesa, observam-se de soslaio com curiosidade, sem ainda se atreverem a falar. Acabarão por ceder ao desejo de se conhecer, mesmo que a realidade fique aquém do que ambos imaginaram? Conhecer alguém é sempre reduzir o campo das possibilidades. Ficar pelos preliminares, porém, é arriscar perder o essencial...

Distribuição

Ela

Ele

© La Comédiathèque

Cena 1

Um homem e uma mulher estão sentados num café, cada um à sua mesa. Entre eles, um pouco mais atrás, há uma terceira mesa desocupada, com alguns jornais. Ambos têm à frente um caderno, onde vão escrevendo de vez em quando. Evitam cruzar os olhares, embora se observem furtivamente. O homem levanta-se e dirige-se ao público, enquanto a mulher permanece sentada, indiferente.

Ele – Estão a ver aquela mulher, sentada ali? Vem cá todas as manhãs. Chega um pouco antes ou um pouco depois de mim. Por volta das oito. Pede um café e fica uns três quartos de hora. Sempre sozinha. Parece perdida nos seus pensamentos. De vez em quando, escreve qualquer coisa no caderno. O quê? Não faço ideia. Aquela mulher é um mistério. Aliás, todas as mulheres são um mistério antes de lhes dirigirmos a palavra e de elas nos responderem, se lhes apetecer. Um mistério e, portanto, uma promessa. A promessa de uma viagem. De uma aventura. Um salto para o desconhecido. O arrepio de um encontro tão exaltante como arriscado com o outro... Claro que podia levantar-me e ir falar com ela. Mas, para dizer a verdade, não é só a timidez que me prende aqui. Nem o receio de levar uma tampa. Há sempre um pretexto para abordar uma desconhecida sem entrar logo no terreno escorregadio da sedução mais banal...

Tira do bolso um objeto minúsculo, aproxima-se dela e mostra-lhe alguma coisa na palma da mão.

Ele – Desculpe, menina... Ou senhora, talvez? Ontem de manhã encontrei um brinco debaixo desta mesa onde costuma sentar-se. Perguntei-me se não o teria perdido...

Ela lança-lhe um olhar ofendido, espreita o brinco, abana ligeiramente a cabeça com desdém e volta ao caderno. Ele dirige-se novamente ao público.

Ele – Na pior das hipóteses, dir-me-ia educadamente que não perdeu nada do género, e pronto. Ficava a saber com o que contar e salvava a dignidade. Na melhor, se eu não lhe fosse completamente indiferente, aproveitava a deixa para meter conversa.

Volta-se para ela, de mão aberta. Ela pega no brinco, examina-o e devolve-lho com um grande sorriso.

Ela – Não... Infelizmente, não é meu. É pena, é muito bonito... Se encontrar o outro... Mas sente-se, por favor. Cruzamo-nos todos os dias e nunca tivemos oportunidade de conversar...

Ele afasta-se e volta a dirigir-se ao público, enquanto ela regressa ao caderno, ignorando-o outra vez.

Ele – Não, o que me impede de a abordar não é o medo de levar uma tampa, de ser posto a andar... «Falha de ligação», como se diz agora. É antes... o receio de ficar desiludido. Tenho a certeza de que a conversa desta encantadora jovem é fascinante, mas... quando souber exatamente quem é, como se chama, o que faz na vida, se é casada ou não e, sobretudo, o que escreve naquele caderninho... pronto. De repente, deixa de ser a misteriosa desconhecida do café, capaz de alimentar todas as fantasias e todas as promessas. Passa a ser Luísa, professora primária, divorciada, mãe de um rapaz de três anos, a escrever observações para a próxima reunião da escola... Ou Justina, atriz solteira, a apontar ideias para o monólogo que sonha escrever há anos e que, finalmente, a tornará famosa. Ou Marina, romena, recém-chegada a França para casar com um farmacêutico idoso e que, para enganar o tédio enquanto ainda não se atreve a enganar o marido, põe por escrito a lista dos seus desejos antes de escolher com quem se há de deitar para os realizar. Sim. Por enquanto, é todas essas mulheres e muitas mais. É todas as mulheres. Mas, depois de nos apresentarmos, será apenas uma. E começarei logo a sentir saudades de todas as outras que nunca poderá ser.

Tira um jornal da mesa do meio, volta a sentar-se e começa a folheá-lo. Ela observa-o de soslaio, levanta-se e dirige-se ao público.

Ela – Quem será este tipo? Vejo-o a espreitar-me quando julga que não dou por isso. Deve ser tímido. Há meses que nos cruzamos aqui todos os dias e ainda não teve coragem de me dirigir a palavra. Ou então não está minimamente interessado... Não sou suficientemente boa para ele, é isso? Mas quem é que ele julga que é? Também não é assim tão irresistível. E, se tivesse coisas mais importantes para fazer, não passava tanto tempo neste café todas as manhãs. O que estará a ver no jornal? O horóscopo? Os anúncios de emprego? Sim, parece um bocado desocupado. Se calhar está desempregado... Desocupado, mas não propriamente desesperado. Sempre com um sorrisinho irónico ao canto da boca. Um ar de superioridade. Como quem diz: não abro a boca, mas sei muito bem o que penso. O que escreverá naquele caderno com uma expressão tão inspirada? Os seus pensamentos mais profundos, certamente... Gostava de espreitar. Há pouco pensei que ia levantar-se para me dizer qualquer coisa. Mas não, perdeu a coragem outra vez. Ou então é escritor. Toma notas para o próximo romance. Talvez a heroína se pareça comigo. É isso. Prefere que a nossa história continue virtual. Nem imagino o que estará a pensar quando olha para mim...

Tira da mala um pequeno espelho e observa-se durante uns instantes.

Ela – Se me encontrasse comigo própria num café, o que pensaria? *(Guarda o espelho.)* Não sei... Tenho mesmo o aspeto da pessoa que sou? Conseguiria fazer-me passar por outra? Olhem, se ele vier falar comigo, até me apetece mentir-lhe. Inventar uma vida. Só para ver se consigo convencê-lo. Quando um desconhecido nos aborda, por definição não sabemos nada dele. Pode ser quem quiser e contar-nos o que quiser. Mas ele também não sabe nada de nós. Durante alguns instantes, pelo menos até sermos desmascaradas, somos livres de escolher quem queremos ser naquele dia. Na esperança louca de, aos poucos, nos tornarmos, pouco a pouco, quem decidimos ser. Outra vida... Sim, mas qual? Para resultar, teria de preparar bem a personagem. Inventar um nome. Uma profissão. E uma idade. Já agora, podia tirar uns anitos à minha. Não muitos, para continuar a ser credível. Dois ou três. Vá, cinco ainda passam. E se inventasse um sotaque estrangeiro? Não, seria difícil mantê-lo durante muito tempo. Além disso, posso perfeitamente ser estrangeira e falar francês na perfeição. Mas, para dar vida a esta nova existência, ele teria primeiro de se decidir a falar comigo. E se lhe sorrisse? Talvez o encorajasse. Por outro lado, não me vejo a olhar para ele de frente com um sorriso parvo. O que iria pensar de mim? Ou podia ser eu a abordá-lo. Haveria de encontrar um pretexto. Sei lá...

Tira discretamente os brincos, guarda um na mala e conserva o outro na mão. Espreita por baixo da mesa, como se procurasse alguma coisa. Por fim, levanta-se e aproxima-se dele. Ele pousa o jornal e olha para ela, surpreendido.

Ela – Desculpe, ontem perdi um brinco igual a este. Gostava muito dele. Foi uma prenda de... Enfim, gostava muito dele. Não o terá encontrado, por acaso?

Ele – Um brinco...? Eu... Não, não encontrei nada... Peço imensa desculpa, mas...

Ela – Mas...?

Ele – Não, nada, eu... Não vi nada.

Ela – Está bem. Obrigada.

Ela volta a sentar-se e dirige-se ao público.

Ela – Imaginem que me aproximo dele com uma desculpa destas e ele me responde com aquela cara de parvo... Escritor, uma ova! Não, francamente, prefiro não arriscar um encontro banal e conservar as minhas ilusões mais um bocadinho. Se bem que talvez não seja tão idiota como parece. Apanhei-o desprevenido. Os homens estão tão habituados a tomar a iniciativa... Quando somos nós a dar o primeiro passo, entram em pânico. Ficam paralisados. Viram a cara dele quando olhei para ele? Parecia um coelho encandeado pelos faróis de um carro, já a imaginar-se no tacho quando chegasse a casa. Coitado... Assustei-o. Espero não o ter traumatizado. E a história do brinco, convenhamos, também é um bocado rebuscada. Amanhã tento arranjar uma desculpa melhor...

Volta a escrever no caderno. Ele retoma a leitura do jornal.

Escuro.

Cena 2

Agora é ela que lê o jornal, enquanto ele escreve no caderno. Ele interrompe-se, observa-a por instantes e dirige-se novamente ao público.

Ele – Todos os dias digo a mim mesmo: hoje é que vou falar com ela. E depois deixo para amanhã. Vou prolongando o prazer. O amor platónico é muito bonito, mas estar apaixonado por uma desconhecida ainda é melhor, não acham? Pelo menos temos a certeza de nunca ficar desiludidos. O problema do amor é que projetamos no outro uma imagem que não lhe pertence e depois censuramo-lo por não corresponder ao nosso ideal. Com uma mulher que não conhecemos, podemos continuar a sonhar. A confundir a realidade com os nossos desejos. Sim, decididamente, a mulher ideal é aquela que ainda não conhecemos. Vejo-a entrar neste café todas as manhãs. Ou já cá está, se eu chegar mais tarde. Fica uma horita e vai-se embora. Para mim, não existe fora deste aqui e agora. É um pouco como no teatro. Sou eu que escolho o papel que ela representa, consoante o meu estado de espírito. E quando sai de cena, depois de encarnar uma personagem diferente de cada vez, regressa ao nada. Qualquer ator é sempre mais pequeno do que a mais pequena das personagens que representa. O fato fica-lhe grande demais, e o palco é o único lugar onde quase não se nota. Por isso espero... Adio constantemente o momento de quebrar o encanto e fazer o seu conhecimento. Mas... e se amanhã ela não viesse? Nem depois de amanhã? E se nunca mais pusesse os pés neste café? Depois de ter sido todas as mulheres, não voltaria a ser nenhuma. Apenas uma recordação vaga, que aos poucos desapareceria. Conhecem aquela canção sobre as mulheres que passam, e que não soubemos reter...? Não, não vou deixar escapar esta. Vou arriscar. Sem rede. Também eu subo ao palco, mas não decorei nenhuma fala. Nem sei o que lhe hei de dizer. Ao menos parecerá mais natural. Mais sincero. A minha falta de jeito até pode jogar a meu favor. Porque aquela história do brinco... É melhor improvisar. Seja o que for que diga, se não lhe interessar, ela há de fazer-me perceber. E, se lhe interessar, também.

Aproxima-se dela. Ao vê-lo chegar, ela ergue os olhos, mas mantém uma expressão impassível.

Ele – Desculpe, eu...

Ela – Sim...?

Ele – Vejo-a todos os dias sentada aqui em frente e estava a pensar que...

Ela – Que...?

Ele – Bem, talvez pudéssemos... conhecer-nos.

Ela – Conhecer-nos?

Ele – Peço desculpa, estou a incomodá-la. Foi uma parvoíce. Desculpe, não a incomodo mais...

Ela *(com firmeza)* – Sente-se.

Ele – Sim.

Ele senta-se.

Ela – Chamo-me Virgínia. E o senhor?

Ele – Bem... Paulo.

Ela – Muito bem... Paulo e Virgínia, então.

Ele – Bem... Sim...

Ela – E o que faz na vida, Paulo?

Ele – Sou... escritor.

Ela – Ah, sim?

Ele – Surpreende-a?

Ela – Foi precisamente o que tinha imaginado. É isso que me surpreende.

Ele – Portanto, já tinha imaginado alguma coisa...

Ela – Não se entusiasme já...

Ele – Tenho assim tanto ar de escritor?

Ela – Não sei. Talvez. E vejo-o sempre a escrever nesse caderninho.

Ele – Está bem, mas a senhora também toma notas num caderno. Não me diga que também é escritora?

Ela – Pois sou!

Ele – A sério?

Ela – Porque não?

Ele – Claro... Romances?

Ela – Teatro, sobretudo. E o senhor?

Ele – Contos.

Ela – Estou a ver...

Ele – Sei o que está a pensar.

Ela – O quê?

Ele – Que escrevo contos porque não sou capaz de escrever um romance inteiro.

Ela – De maneira nenhuma! E podia dizer o mesmo de mim.

Ele – Ah, sim?

Ela – Que escrevo peças de teatro porque não sou capaz de escrever um romance.

Ele – É verdade...

Ela – Aliás, nem sequer escrevo propriamente peças.

Ele – Não?

Ela – Mais uns sketches.

Ele – Os sketches são para o teatro o que os contos são para o romance.

Ela – Sim... Um subgénero... *(Uma pausa.)* É mesmo escritor?

Ele – Talvez não. E a senhora?

Ela – Também não.

Ele – Então mentiu-me.

Ela – Foi o senhor que começou, não foi?

Ele – Sim... Mas não sabia.

Ela – Porquê escritor?

Ele – Não sei... Acho que tinha medo de a desiludir.

Ela – Ainda nem nos conhecemos e já tem medo de me desiludir. Falta-lhe um bocadinho de confiança em si próprio, Paulo.

Ele – Ou talvez eu tenha tendência para sobrestimar as pessoas que não conheço.

Ela – Que simpático da sua parte...

Ele – Desculpe, não era isso que queria dizer... Quer dizer, não exatamente.

Ela – E que profissão tão vergonhosa tem para precisar de inventar outra? É vendedor de telecomunicações?

Ele – Não.

Ela – Faz telemarketing?

Ele – Também não.

Ela – Trabalha nas finanças?

Ele – Também não é preciso exagerar.

Ela – Mas não tem muito orgulho no que faz.

Ele – Não. E a senhora?

Ela – Eu também não.

Ele – Bem... talvez seja melhor guardarmos um pouco do nosso mistério.

Ela – Acho que sim.

Ele – E se continuássemos a ser escritores?

Ela – Combinado.

Ele – Já agora, eu escreveria romances de seiscentas páginas e a senhora peças de teatro com mais de três horas, sem intervalo.

Ela – Já que vamos mentir, não vale a pena ficarmos por pouco...

Uma pausa.

Ele – Portanto, sou romancista.

Ela – E eu, dramaturga.

Ele – E é casada?

Ela – Isso, ao contrário da profissão, é uma pergunta fechada, como se diz nas sondagens. Ou se é casada ou não se é.

Ele – Pode sempre mentir-se na resposta...

Ela – Sim... Mas deixa pouco espaço à imaginação.

Ele – Ainda assim... Um adultério tem sempre mais interesse num romance.

Ela – É verdade.

Ele – Aliás, a resposta não tem de ser tão simples. Também pode ser divorciada. Ou viúva...

Ela – Viúva...

Ele – Porque não?

Ela – Pois...

Ele – É viúva?

Ela – Sou viúva.

Ele – Lamento muito.

Ela – Não tinha como saber. E não tem culpa nenhuma, pois não? Não foi o senhor que assassinou o meu marido.

Ele – Ah, ele foi assassinado?

Ela – Eu disse isso?

Ele – Disse que não fui eu que o assassinei.

Ela – Queria apenas dizer que não foi responsável pelo desaparecimento dele.

Ele – Portanto, o seu marido não foi assassinado.

Ela – Não. Morreu de uma maneira muito mais banal. Quase ridícula, se assim posso dizer...

Ele – Morrer é sempre um bocado estúpido.

Ela – Pois, mas neste caso...

Ele – Não queria ser indiscreto, mas despertou-me a curiosidade.

Ela – Foi durante a nossa lua de mel, nas Seicheles.

Ele – Tem razão, começa de maneira muito banal. Parece um romance cor-de-rosa. Espero que melhore a seguir...

Ela – Posso continuar?

Ele – Faça favor...

Ela – Tínhamos passado a tarde numa praia paradisíaca, com um sol magnífico. Estávamos prestes a regressar ao hotel quando, de repente, se levantou uma tempestade... O Jean-Louis...

Ele – Chamava-se Jean-Louis?

Ela – Sim. Porquê?

Ele – Não, não, por nada...

Ela – Preferia que se chamasse de outra maneira? Steven, talvez? Ou Kevin?

Ele – Jean-Louis está muito bem. Dizia que se levantou uma tempestade...

Ela – O vento começou a soprar com muita força. Jean-Louis agarrou no cabo do guarda-sol, que estava quase a ser levado pelo vento, e foi nesse preciso momento que...

Ela hesita, como se a emoção a impedisse de continuar.

Ele – Sim?

Ela – Um clarão de fogo caiu sobre ele...

Ele – Não me diga! Um ataque extraterrestre...?

Ela – Eu disse-lhe que tinha sido uma morte perfeitamente banal.

Ele – Ah, pois, desculpe... Tenho tendência para...

Ela – Um relâmpago. Simplesmente. O guarda-sol atraiu o raio como um para-raios. Jean-Louis foi fulminado. Morreu no mesmo instante...

Ele – Bolas...

Ela – Afinal, só estive casada uma semana...

Ele – Se fosse um romance cor-de-rosa, podia chamar-se «Amor Fulminante nas Seicheles»...

Ela – Mas os romances cor-de-rosa acabam sempre bem... Eu nunca consegui ultrapassar a morte do Jean-Louis...

Ela parece à beira das lágrimas. Ele fica sem saber o que fazer.

Ele – Mas... isso é verdade?

Ela recupera subitamente a expressão impassível.

Ela – O que é que acha?

Ele – Não sei... É tão...

Ela – Estúpido? Eu bem lhe disse. Foi uma morte estúpida.

Ele – Bem, o importante é que agora está livre.

Ela – E o senhor?

Ele – Eu?

Ela – Está livre?

Ele – Sim... Quer dizer... sou casado, mas estou livre.

Ela – Agora é que me intriga...

Ele – É muito simples, vai ver.

Ela – Estou a ouvir.

Ele – É assim... Eu estou livre, mas a minha mulher não.

Ela – A sua mulher não está livre.

Ele – Está na prisão.

Ela – Ah, percebo...

Ele – Portanto, ela não está livre, mas eu...

Ela – Sim, já percebi, mas... por quanto tempo está presa?

Ele – Se tudo correr bem, dez anos.

Ela – Se tudo correr bem?

Ele – Com os descontos na pena... por bom comportamento.

Ela – Não queria ser indiscreta, mas... o que fez ela para ir parar à prisão?

Ele – Tentativa de homicídio.

Ela – Estou a ver...

Ele – Tentou matar-me.

Ela – Percebo...

Ele – Felizmente para ela... e, já agora, para mim, sobrevivi.

Ela – E como tentou... matá-lo?

Ele – Da maneira mais banal possível. Com um revólver.

Ela – E falhou o alvo.

Ele – Não foi exatamente assim.

Ela – Conte-me...

Ele – Já andava desconfiado. Mexi nas coisas dela e encontrei o revólver que escondia na mala.

Ela – E tirou-lho.

Ele – Não.

Ela – Porquê?

Ele – Se lho tivesse tirado, ela desconfiava. E podia tentar matar-me de outra maneira... com veneno, por exemplo.

Ela – Sim, o veneno é muito mais feminino.

Ele – Para não levantar suspeitas, substituí as balas por munições de salva. Assim mantinha a situação controlada sem ela desconfiar...

Ela – Muito astuto...

Ele – Pois... Só que... não sei como aconteceu. Devo ter-me enganado a contar...

Ela – Um escritor que não sabe contar...

Ele – Substituí as primeiras cinco balas, mas a sexta...

Ela – A sexta?

Ele – Apanhei-a no ombro.

Ela – Que azar...

Ele – Também não estava à espera que esvaziasse o tambor contra mim... Enfim, tive sorte...

Ela – Chama a isso sorte?

Ele – Um tiro no ombro é sempre melhor do que um tiro no coração...

Ela – As mulheres costumam ser desajeitadas com armas de fogo. Daí o veneno... Mas, se me permite, o que fez àquela pobre mulher para ela querer disparar as seis balas contra si?

Ele – Também isso é uma história muito banal... Um pouco como a sua...

Ela – Oh, não seja modesto... A sua história supera a minha de longe. E então?

Ele – Traía-a. Só isso.

Ela – Traía-a... Com quem?

Ele – Com uma desconhecida que conheci num café. Neste café, por acaso. Curiosamente, sentava-se sempre nesse mesmo lugar que está a ocupar.

Ela – Mas não à mesma hora, imagino.

Ele – Não. Ela vinha ao fim da tarde, pelas cinco ou seis...

Ela – E quando ela sair da prisão...

Ele – A minha mulher?

Ela – Sim, a sua mulher.

Ele – Bem... Espero que me tenha perdoado a infidelidade. Tal como eu lhe perdoo a tentativa de homicídio.

Ela – E, enquanto ela continuar presa, o senhor está livre...

Ele – Exatamente.

Ela – Afinal, porque não? Ainda temos uns dez anos pela frente...

Ele – Talvez até um pouco mais... se ela se portar mal.

Uma pausa.

Ela – E ainda diz que não é escritor.

Ele – Quem sabe? Uma coisa é certa: menti. Ou quando disse que era escritor, ou quando deixei entender que talvez não fosse. Que lhe parece?

Ela – Acho que, se não é escritor, devia pensar seriamente em tornar-se um...

Ele – Obrigado. E a senhora?

Ela – Eu?

Ele – É mesmo autora de teatro?

Ela olha para o relógio.

Ela – Peço desculpa, mas tenho de ir.

Ele – Claro. É à hora a que costuma sair.

Ela – Sim...

Ele – Para onde? Mistério...

Ela levanta-se.

Ela – Então, até amanhã... talvez.

Ele – Talvez...

Ela – Enquanto tiver uma boa história para me contar, nunca faltarei aos nossos encontros.

Ele – Isso lembra-me outra história...

Ela – A nossa podia chamar-se «As Mil e Uma Manhãs».

Ele – Mas nunca me imaginei no papel de Xerazade...

Ela – Se preferir ser o sultão, trocamos de papéis de vez em quando.

Ele – Bem... então vamos precisar de muita imaginação.

Ela – Tenho a certeza de que ainda tem muitas histórias nesse caderninho.

Ele – E a senhora no seu.

Ela sai. Ele observa-a afastar-se e volta-se para o público.

Ele – Desculpem, mas... tenho de voltar ao trabalho.

Volta a sentar-se, pensa um instante e começa a escrever no caderno.

Escuro.

Cena 3

Ele continua sentado à sua mesa, a escrever no caderno. Ela entra.

Ela – Paulo?

Ele levanta a cabeça, reconhece-a e sorri.

Ele – Bom dia!

Ela tira uma pistola da mala e aponta-lha. O sorriso dele desaparece.

Ela – Pensavas que te safavas assim?

Ele – Mas o que é que...?

Ela – Era com ela que tinhas encontro marcado?

Ele – Ela?

Ela – Virgínia, não é?

Ele – Não, de maneira nenhuma! Não conheço nenhuma Virgínia, juro-te...

Ela – Pois claro... Mas desta vez não te vais safar só com um tiro no ombro, garanto-te.

Ele – Por favor, querida, não faças nenhuma loucura!

Ela – Esta está carregada. E não é com balas de salva!

Ele – Mas... tinhas apanhado dez anos! Já te soltaram?

Ela – Fugi.

Ele – Fugiste? Como?

Ela – Modelei um revólver em miolo de pão, deixei-o secar e cobri-o com graxa de sapatos.

Ele – Um revólver de miolo de pão?

Ela – Exatamente.

Ele – E... é esse?

Ela hesita um instante.

Ela – É...

Baixa a arma, pousa-a na mesa e senta-se. Ele pega nela e examina-a.

Ele – Parabéns. Está muito bem imitado...

Volta a pousar a pistola na mesa.

Ela – Fiz um guarda prisional refém e caíram todos na esparrela... Onde é que ela está?

Ele – Quem?

Ela – Não te faças de parvo! A cabra com quem me andas a trair...

Ele – Não sei... Hoje não apareceu...

Ela – Deve ter desconfiado de alguma coisa.

Ele – Sim, talvez...

Ela – Que pena. Podia ter-vos matado aos dois de uma vez.

Ele – Com uma pistola de miolo de pão?

Ela – Mas o que é que ela tem que eu não tenho? Ao menos diz-me isso...

Ele – Não a conheço.

Ela – O quê?

Ele – Ela tem uma vantagem sobre ti: eu não a conheço.

Ela – É tua amante e não a conheces?

Ele – Encontramo-nos aqui todos os dias. Cada vez dá-me um nome diferente. Inventa uma personagem. Uma vez até se fez passar por ti...

Ela – Mas vais para a cama com ela, não vais?

Ele – Ir para a cama com ela, como tu dizes... já seria conhecê-la demasiado.

Ela – Não me venhas com histórias. É tua amante ou não?

Ele – Não sei... Acho que sim. Podemos dizer isso.

Ela – Pobre Paulo... Para quê inventar histórias tão complicadas? Quando tudo isto é tão banal...

Ele – Tens razão... Por mais que puxemos pela cabeça, mesmo quando mentimos, o que dizemos fica sempre muito aquém daquilo que gostaríamos de exprimir. As palavras desiludem sempre. Por isso, regra geral, mais valia não falar com ninguém.

Ela – Não percebo nada do que dizes... Começas a preocupar-me, Paulo. Se calhar és tu que devias estar fechado.

Ele – Sim, talvez...

Ela levanta-se.

Ela – Enfim, se a vires, diz-lhe que ando à procura dela. E que, mesmo sendo feito de miolo de pão, desta vez o meu revólver tem balas a sério.

Ele – Aonde vais?

Ela – Lembro-te de que estou fugida. Não posso ficar aqui.

Ele – Posso fazer alguma coisa?

Ela – Tens algum dinheiro contigo?

Ele – Tenho...

Ela – Dá cá.

Ele procura nos bolsos e entrega-lhe algumas notas.

Ele – É tudo o que tenho...

Ela – Não te preocupes, devolvo-te.

Ele – Não é por causa do dinheiro que estou preocupado... Voltamos a ver-nos?

Ela – Quem sabe... Daqui a dez anos, talvez. Ou mais, porque agora já não conto com reduções de pena por bom comportamento.

Ele – Vou visitar-te, prometo.

Ela – No parlatório?

Ele – Falar com alguém é sempre um bocadinho como estar no parlatório, não achas? Falamos, mentimos, fingimos compreender-nos, fingimos acreditar um no outro e, no fim, cada um regressa à sua prisão interior...

Ela – Sempre é melhor do que partilhar uma cela e ter uma só pessoa com quem falar.

Ele – Tens razão... No fundo, a prisão parece-se um bocado com o casamento.

Ela – Não é por acaso que se fala da «célula familiar». E a pena é muitas vezes perpétua. Mesmo com bom comportamento.

Ele – Sobretudo com bom comportamento.

Ela – Pois... Às vezes há quem se case na prisão. Mas, curiosamente, nunca com o companheiro de cela.

Ele – Dez anos... Aproveita para escrever um romance...

Ela – Que tipo de romance se pode escrever na prisão?

Ele – Um romance sobre a liberdade, imagino.

Ela – Está bem, vou pensar nisso.

Ele vê-a afastar-se. Ela sai. Ele examina a pistola sobre a mesa e dirige-se ao público.

Ele – Até me safei bastante bem, não acham?

Escuro.

Cena 4

Ela está sentada à sua mesa, a escrever no caderno. Ele entra e aproxima-se.

Ele – Desculpe... É a mulher do Jean-Louis...? Quer dizer... a viúva.

Ela ergue os olhos para ele.

Ela – Quem é o senhor?

Ele – Infelizmente, não lhe posso dizer o meu nome. Saiba apenas que fui colega do seu marido.

Ela – O meu marido trabalhava no serviço de matrículas de automóveis da administração francesa.

Ele – Sim, era lá que, oficialmente, trabalhávamos os dois.

Ela – Oficialmente?

Ele – Era uma fachada.

Ela – Uma fachada? Então o meu marido...

Ele – Não lhe posso dar mais pormenores. Só queria que soubesse que o seu marido não morreu da maneira absurda que julga.

Ela – Ah, não?

Ele – Não.

Ela – É muita gentileza sua tentar convencer-me disso.

Ele – Minha senhora, o seu marido morreu pela França.

Ela – O meu marido morreu fulminado por um raio quando tentava fechar um guarda-sol para o vento não o levar.

Ele – Essa é a versão oficial.

Ela – Então há outra versão?

Ele – Jean-Louis foi fulminado, sim. Mas não por uma tempestade.

Ela – Estou a ouvir...

Ele – Foi atingido por um raio laser disparado de um caça a grande altitude.

Ela – Um caça?

Ele – Um avião de uma potência estrangeira.

Ela – Mas... porque é que uma potência estrangeira havia de querer eliminar o meu marido?

Ele – Porque era um agente especial. Tal como eu.

Ela – Quer dizer, um agente secreto? Como o James Bond...

Ele – Se quiser chamar-lhe isso...

Ela – E eu a pensar que era viúva de um funcionário público sem importância...

Ele – Acredite, minha senhora, o seu marido não era um simples funcionário dos registos automóveis. Morreu em missão, como um herói, a defender o seu país.

Ela – Numa praia, nas Seicheles?

Ele – A França tem inimigos em todo o lado. Até nas Seicheles.

Ela – E porque é que só agora vem contar-me tudo isto?

Ele – Para honrar a memória dele... e aliviar um pouco a sua dor, que sei ser imensa. O seu marido não foi vítima de um acidente estúpido. Morreu em serviço, a defender a pátria. E, se não recebeu uma condecoração póstuma... Que digo eu! Se não teve um funeral de Estado, foi para preservar o anonimato dele... e para a proteger a si.

Ela – Acha que estou em perigo?

Ele – Não lhe posso dizer mais nada. Mas, se isso a tranquiliza, saiba que tem proteção policial permanente, discreta mas muito eficaz.

Ela – Fico muito mais descansada, realmente.

Ele – Agora tenho de a deixar.

Ela – Voltarei a vê-lo?

Ele – Não se preocupe. Mesmo que não me veja, nunca estarei longe, pronto a intervir ao menor sinal de perigo. Serei uma espécie de anjo da guarda.

Ela – Obrigada.

Ele – Tenha um bom dia, minha senhora.

Afasta-se e senta-se à sua mesa, como se nada se tivesse passado. Ela observa-o, intrigada, e volta ao caderno.

Escuro.

Cena 5

Ele entra e procura-a com o olhar, mas não a vê.

Ele – Pronto... Não está cá... Não tenho o número de telefone dela e nem sequer sei como se chama realmente. Virgínia não é, de certeza. Nem Xerazade. *(Ao público.)* Imagino que também não a conheçam...? Num café passa tanta gente. Se tivesse de a descrever, nem saberia o que dizer... Tem uns olhos bonitos. Um sorriso encantador. Uma maneira muito sua de andar... de passar a mão pelos cabelos... E deixa atrás de si um perfume misterioso. É pouco para um retrato-robô. Duvido que um detetive privado chegasse muito longe. Estou a ficar maluco. Mas que disparate! Não vou contratar um detetive para encontrar uma desconhecida que via num café... nem ir à polícia denunciar o desaparecimento de alguém cujo nome nem sei. E porque não lançar um alerta de rapto, já agora? Se calhar passou a vir a outra hora. Mudaram-lhe o horário e agora começa a trabalhar mais tarde. É incrível como podemos sentir a falta de alguém que nem conhecemos. Enquanto isso, a maioria das pessoas que conhecemos, quando se ausenta por uns dias, faz-nos sentir que fomos nós que entrámos de férias. Bem... Se não a voltar a ver, ou se só aparecer de vez em quando, terei de arranjar uma substituta. Nem que seja a tempo parcial. Uma atriz suplente, digamos. Ou uma trabalhadora temporária. Afinal, ela ou outra qualquer... Como nem sequer a conheço, não deve ser difícil encontrar alguém que desempenhe o mesmo papel.

Percorre a sala com o olhar e detém-se numa mulher ao fundo, sem que seja possível perceber exatamente a quem se dirige.

Ele – Olhem, aquela não está nada mal... Não é propriamente parecida com ela, mas... sim, podia servir. Importa-se, minha senhora, que fantasie um bocadinho consigo, à distância? Não se preocupe... O senhor também. Não vos dirigirei a palavra. Teria demasiado medo de que não correspondessem às minhas expectativas. E eu às vossas. A nossa relação será inteiramente platónica. Melhor: completamente virtual. Nem um olhar insistente, quanto mais indiscreto. Distância de segurança. Medidas de proteção. Uso obrigatório de açaime... Nem vão dar pela presença de um admirador secreto. Combinado? Muito bem, vou sentar-me ali e continuar a observá-la discretamente, pelo canto do olho, enquanto imagino coisas... E, quando se for embora, pensarei em si de vez em quando.

Senta-se e tira o caderno, onde escreve algumas notas, lançando de vez em quando olhares furtivos à mulher.

Escuro.

Cena 6

Ela entra e procura-o com o olhar.

Ela – Ontem não vim para evitar que ele começasse a encarar os nossos encontros fortuitos, por mais frequentes que fossem, como uma rotina diária. Queria alimentar nele aquela deliciosa e dolorosa sensação de falta... e, portanto, de dependência. Mas hoje é ele que não está. Se calhar fartou-se desta aventura puramente imaginária. *(Olha para o fundo da sala, na direção da mulher a quem ele se dirigira anteriormente.)* Ou talvez tenha conhecido outra pessoa, cuja realidade, por mais pobre que seja, lhe permite ao menos satisfazer os desejos mais banais. Que pena. Começava a afeiçoar-me... Mas será possível ter uma relação amorosa fazendo tudo para evitar conhecer a outra pessoa? Mesmo quando mentimos, acabamos sempre por revelar alguma coisa. A personagem que inventamos diz ainda mais sobre nós do que a pessoa que somos de verdade. Deve ter tido medo. Ou então está de férias. Talvez doente. Ou até morto. Afinal, não tem de me dar explicações. Nem eu a ele. Somos um casal livre. Nem sequer nos conhecemos! Enfim, volto amanhã...

Está prestes a sair quando repara num caderno sobre a mesa onde ele costuma sentar-se.

Ela – Olha, esqueceu-se do caderno. *(Hesita.)* Que faço? Levo-o e devolvo-lho quando o vir? Ou deixo-o aqui, para ele o encontrar mais facilmente? É melhor deixá-lo... *(Prepara-se para sair.)* Mas podia aproveitar para espreitar... Não, não se faz. Seria uma indiscrição. Se calhar é um diário íntimo... Sim, mas se outra pessoa o encontrar e o levar... *(Pega no caderno.)* Pronto, levo-o. Deve ser muito importante para ele. Mas prometo resistir à tentação de o ler...

Ela sai.

Escuro.

Cena 7

Ela está sentada à mesa de sempre, a escrever no caderno. Ele entra e aproxima-se dela.

Ele – Bom dia... Estive ausente uns dias. Espero não lhe ter feito muita falta...

Ela finge surpresa.

Ela – Ah, sim...? Não se preocupe, eu também não vim...

Ele – Seja como for, fico contente por voltar a vê-la.

Ela – Sim...

Um pequeno embaraço.

Ele – Desculpe, vou deixá-la trabalhar...

Ela – Não, não estou a trabalhar... Quer dizer, estou, mas... custa-me chamar trabalho a isto...

Ele – A escrita...

Ela – Sim...

Ele – A inspiração...

Ela – Se soubéssemos onde encontrá-la, não perderíamos tanto tempo a procurá-la noutros sítios.

Ele – A inspiração é como um raio. Nunca sabemos onde ou quando nos vai cair em cima... Desculpe, não queria trazer-lhe más recordações...

Ela – Está com falta de inspiração?

Ele – De momento, quem me inspira é a senhora.

Ela – Não sabe nada de mim.

Ele – Justamente. Posso imaginar tudo. Uma desconhecida é como uma página em branco.

Ela – Uma história por escrever... *(Um pouco embaraçada.)* A propósito... encontrei isto.

Ela entrega-lhe o caderno.

Ele – Ah, sim...

Ela – É seu, não é?

Ele – Abriu-o?

Ela – Não! Quem julga que eu sou?

Ele – Desculpe...

Ele pega no caderno.

Ela – Abri-o...

Ele – Pois claro...

Ela – Está zangado comigo?

Ele – Como resistir à tentação? É um pouco como a história de Eva e do paraíso perdido. Uma pessoa é capaz de se condenar só para saber.

Ela – E quando finalmente sabemos, ficamos sempre um pouco desiludidos.

Ele – Ao escolher o conhecimento, percebemos que renunciámos a tudo o que o desconhecido tinha de maravilhoso.

Ela – Sim... Mas uma maçã também pode ser uma armadilha.

Ele – Então a senhora seria a Branca de Neve.

Ela – E se o senhor tivesse deixado o caderno aqui de propósito, para eu o encontrar...?

Ele – É uma possibilidade...

Ela – Nesse caso, o que está escrito nele pode ser outra ilusão. Uma invenção para esconder a sua verdadeira realidade. Se é que tem alguma...

Ele – Seja como for, já não estamos em pé de igualdade. A senhora sabe o que está no meu caderno e eu não sei o que está no seu.

Ela – É verdade. *(Entrega-lhe o seu caderno.)* Tome...

Ele pega no caderno.

Ele – Também pode ter inventado tudo.

Ela – Nesse caso, voltávamos a estar em pé de igualdade.

Ele abre o caderno, dá uma vista de olhos e fita-a com um sorriso enigmático.

Escuro.

Cena 8

Ele está sentado à sua mesa, a escrever no caderno. Ela chega e dirige-se a ele.

Ela – Então, como vai esse romance?

Ele – Está quase pronto... Só me falta o título...

Ela – Às vezes é o mais difícil.

Ele – Sim... É um pouco como escolher o nome de um filho.

Ela – Mas o conteúdo do romance já o conhece. Só tem de encontrar um título que lhe assente. Com uma criança, escolhemos o nome antes sequer de a conhecermos.

Ele – Arriscamo-nos a projetar nela uma imagem que não lhe corresponde.

Ela – Devíamos deixar as crianças escolher os próprios nomes.

Ele – Sim... Mas com que idade?

Ela – Não sei.

Ele – Ou então devíamos poder mudar de nome várias vezes ao longo da vida.

Ela – O que devíamos era ter o direito de mudar de vida várias vezes... E de que trata o romance?

Ele – De um homem que se cruza todos os dias com uma bela desconhecida num café. Gostava de a abordar, mas...

Ela – Se lhe dirigir a palavra, ela perde todo o mistério e boa parte do encanto...

Ele – Por outro lado, se não se aproximar dela, perde uma bela história e talvez a perca para sempre.

Ela – Por isso hesita... E como se chama a sua bela desconhecida?

Ele – É como o título: ainda não lhe dei nome. E a sua peça de teatro?

Ela – Ainda é cedo para falar disso...

Ele – Estou a ver... Já leu o jornal?

Ela – Ainda não... Há notícias interessantes?

Ele – Como escritor, interesso-me sobretudo pela secção de casos insólitos. É aí que a humanidade revela o seu pior e, muito mais raramente, o seu melhor.

Ela – As pequenas histórias são muitas vezes mais apaixonantes do que a História com maiúscula.

Ele – O jornal é para o café o que a Bíblia é para a igreja. Aliás, a Bíblia deve ter começado como uma coleção de casos insólitos que, com o tempo, foram embelezados e transformados em mitos.

Ela – E então? A pesca de hoje foi boa?

Ele pega num jornal e mostra-lhe um artigo.

Ele – Veja, por exemplo... Uma mulher, presa por tentar matar o marido, foge da prisão ameaçando os guardas com uma pistola falsa...

Ela – Ah, sim... Um bom escritor podia fazer disso um romance.

Ele – Ou uma peça de teatro.

Ela pega no jornal e mostra-lhe outro artigo.

Ela – E aqui está outro que lhe pode interessar: um pacato funcionário dos serviços de matrículas de automóveis era, afinal, um agente dos serviços secretos franceses.

Ele – A realidade ultrapassa muitas vezes a ficção.

Ela – Não o distraio mais da escrita... Não queria que os seus leitores ficassem privados de uma obra-prima por minha causa.

Ela vai sentar-se. Os dois começam a escrever nos respetivos cadernos.

Escuro.

Cena 9

Ela está sentada à sua mesa. Ele entra e entrega-lhe um livro.

Ele – Tome, é para si...

Ela – O que é isto?

Ele – O meu primeiro romance.

Ela pega no livro e olha para a capa.

Ela – Afinal, encontrou o título.

Ele – Que lhe parece?

Ela – Preliminares... É um título excitante...

Ele – É a história de um encontro.

Ela – Todos os encontros seguem o ritmo de um ato de amor.

Ele – Há os preliminares, durante os quais imaginamos e exploramos em silêncio...

Ela – Tanto tempo quanto possível.

Ele – Depois chega aquele breve instante em que começamos finalmente a conversar para penetrar na intimidade do outro.

Ela – Seguido de um momento interminável de plenitude e tédio, com uma ligeira desilusão que tentamos disfarçar com conversa sem importância...

Ele – Até que o esquecimento nos devolva o desejo de explorar o desconhecido.

Ela – E que, desta vez, os preliminares possam durar uma eternidade... Obrigada pelo livro.

Ele – Em parte, foi graças a si que o escrevi...

Ela – Fala de mim?

Ele – De si... De nós...

Ela – Nós?

Ele – Sobretudo de mim. E a sua peça de teatro, como vai?

Ela – Já está pronta.

Ele – Posso vê-la...?

Ela – Acho que não.

Ele – Porquê?

Ela – Porque acabámos de a representar.

Sorriem um ao outro. Escuro.

Cena 10

O homem e a mulher estão sentados, ao centro, à mesma mesa, onde continuam alguns jornais. Bebem café sem falar nem se olhar. Cada um pega num jornal e começa a folheá-lo. Ele pousa primeiro o seu e fixa alguém ao fundo da sala.

Ele – Reparaste naquela rapariga, ali ao fundo?

Ela pousa o jornal e olha na mesma direção.

Ela – Que rapariga?

Ele – Está sempre neste café à mesma hora que nós. Exatamente à mesma hora. E senta-se sempre na mesma mesa.

Ela – E depois?

Ele – Nada... Pergunto-me quem será...

Ela – Como assim, quem será?

Ele – Sei lá... Como se chama... O que faz na vida...

Ela – Vai lá perguntar-lhe.

Ele – Também gostava de saber o que escreve naquele caderninho.

Ela – Se calhar é a lista das compras...

Ele – É possível.

Ela – Cotonetes, lenços de papel, papel higiénico, pensos higiénicos...

Ele – Pensava numa coisa mais romântica...

Ela – Interessa-te assim tanto?

Ele – Ela, em particular? Não... É só curiosidade. Gosto de observar as pessoas e imaginar as suas vidas...

Uma pausa.

Ela – Foi assim que nos conhecemos, lembras-te?

Ele – Sim. Quando ainda eras uma desconhecida para mim...

Ela – Foi num café.

Ele – Neste café.

Ela – Parece que foi ontem.

Ele – Estavas sentada nesta mesa.

Ela – Vieste ter comigo e disseste... que tinhas encontrado um brinco.

Uma pausa.

Ele – Ainda o tenho.

Ela – O quê?

Tira alguma coisa do bolso e mostra-lha.

Ele – O brinco.

Ela – E ainda te serves dele de vez em quando?

Ele – Não...

Ela – É bonito.

Ele – Nunca saberei a quem pertence. Algures no mundo anda uma rapariga com o outro. Uma rapariga que nunca hei de conhecer. Talvez aquela ali...

Uma pausa.

Ela – Era meu.

Ele – Como?

Ela – Esse brinco era meu.

Ele – Não acredito.

Ela tira uma coisa do bolso e mostra-lha.

Ela – Olha, ainda tenho o outro comigo.

Ele – Porque é que não me disseste na altura?

Ela – Para continuares à procura, suponho.

Ele estende-lhe o brinco que tem na mão.

Ele – Então toma, fica com ele...

Ela – Obrigada.

Um ligeiro embaraço.

Ele – Não os pões?

Ela coloca os dois brincos. Ele olha para ela e sorri.

Ele – Não são... exatamente iguais.

Ela – Não. Nunca consegui encontrar outros exatamente iguais.

Ele – Ficam-te muito bem na mesma...

Olham um para o outro.

Ela – Desculpe, mas...

Ele – Sim?

Ela – Vemo-nos todos os dias neste café e nunca falámos verdadeiramente... Talvez pudéssemos conhecer-nos...

Ele pega-lhe na mão.

Ele – Prefiro que guarde mais um pouco do seu mistério.

Os lábios aproximam-se para um beijo.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-975-1

Documento para download gratuito